

## CONTATO ENTRE MUNDOS: DESENHOS PRODUZIDOS DURANTE RITUAL ECUMÊNICO COM PLANTAS MEDICINAIS NA ARCA DA MONTANHA AZUL

DOI  
10.11606/issn.2525-3123.  
gis.2022.185801

ORCID  
<https://orcid.org/0000-0001-9570-9597>

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS,  
PERFORMANCES E RITUAIS

**FREDERICO ROMANOFF DO VALE<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,  
20051-070 – ppgsa@gmail.com

### RESUMO

O artigo faz uma descrição etnográfica sintética, buscando explicitar os princípios do grupo Arca da Montanha Azul e a produção de desenhos realizada durante ritual ecumênico com plantas medicinais, prática inovadora quando comparada a outras casas semelhantes. Para tanto, o artigo contextualiza o espaço segundo seu aspecto social e político, faz uma explicação do processo ritual, do processo iniciático, sobre o conceito de cura e traz alguns trechos de entrevistas realizadas com praticantes da casa que falam sobre sua relação com os desenhos. Encerra-se o texto apresentando argumento a respeito do caráter agentivo presente nos desenhos produzidos durante as cerimônias.

### PALAVRAS-CHAVE

Ayahuasca;  
Arte; Religião;  
Antropologia;  
Agência.

### ABSTRACT

The article makes a synthetic ethnographic description, seeking to explain the principles of the Arca da

1. A presente pesquisa contou com financiamento através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Processo número: 88882.331445/2019-01.

#### KEYWORDS

Ayahuasca;  
Art; Religion;  
Anthropology;  
Agency.

Montanha Azul group and the production of drawings carried out during an ecumenical ritual with medicinal plants, an innovative practice when compared to other similar houses. Therefore, the article contextualizes the space according to its social and political aspect, explains the ritual process, the initiation process, about the concept of healing, and brings some excerpts from interviews carried out with house practitioners who talk about their relationship with the drawings. The text ends with an argument about the agentive character present in the drawings obtained during the ceremonies.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa que venho desenvolvendo há pouco mais de dois anos junto a uma casa transreligiosa no Rio de Janeiro. Normalmente o Círculo Holístico Arca da Montanha Azul (CHAMA) realiza cerimônias semanais com o uso das chamadas medicinas indígenas, notadamente a ayahuasca e o rapé. Focaliza-se, neste estudo, a apresentação de uma síntese etnográfica do campo, alguns desenhos que são produzidos durante as cerimônias e através deles procura-se desvendar a ontologia nativa que caracteriza os praticantes dessa casa<sup>2</sup>.

A estrutura do artigo foi dividida em alguns tópicos para facilitar a apresentação do material em estudo: contextualizamos o espaço segundo seu aspecto social e político, passamos por uma explicação do processo ritual, do processo iniciático e ainda sobre o conceito de cura, que vai se mostrar central para entendermos a produção desse espaço. Finalmente entramos mais detidamente na análise dos desenhos produzidos durante o ritual e concluímos o artigo apresentando argumento caracterizando uma das leituras possíveis a respeito do papel dos desenhos durante as cerimônias.

Neste trabalho pretende-se apresentar uma contribuição inovadora em relação à literatura atual no que diz respeito à produção de desenhos/ expressão artística dentro do universo das práticas ayahuasqueiras. O local em que é realizado o presente estudo pode ser considerado como pioneiro na inserção desta técnica de produção artística: os desenhos são feitos durante o ritual, sob o efeito da ayahuasca, considerada planta medicinal e que produz o efeito da alteração da percepção<sup>3</sup>.

2. Para mais informações sobre a casa e outros detalhes acerca do universo ayahuasqueiro no Brasil ver Souza (2006); Da Motta (2017); Romanoff (2021).

3. Também conhecida como Hoasca, nixi pae (pelos Huni Kuin), Yagé (Colombia), Kamarampi (Piro), Caapi, Natema, Pindé, Kahi, Mihi, Dápa, Cipó dos espíritos, Santo Daimé, Vegetal, Hoasca. Cabe aqui um comentário no que diz respeito à categoria com que trabalhamos ao descrever a Ayahuasca. De modo geral, os pesquisadores do fenômeno em contexto urbano preferem trabalhar com o termo “enteógeno”, que, analisado etimologicamente, quer dizer “Deus dentro de si”. Esta categoria condiz com a concepção nativa a respeito da natureza da experiência induzida pela bebida e é o conceito defendido pelos praticantes urbanos do consumo ritualizado de ayahuasca.

A literatura sobre o tema registra o uso difundido e, para muitos grupos, de longa data desta bebida (produzida através da cocção da mistura do cipó *Banisteriopsis caapi*, popularmente conhecido como “jagube”, com a folha do arbusto *Psychotria viridis*, popularmente conhecida como “chacrona”) pelas populações indígenas da região amazônica na fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. Como atestada pela literatura especializada, a ayahuasca desempenha importante papel no xamanismo e nos rituais de cura dos povos Arawak, Tukano e Pano da região (Labate 2008, Lagrou 2007, Langdon 1992, Reichel-Dolmatoff 1971), ao lado de outras plantas psicotrópicas como o tabaco. As populações indígenas e não indígenas que fazem uso da ayahuasca a consideram uma planta-mestra capaz de revelar coisas ocultas e “de ensinar grandes mistérios” (Luna 1999).

Realiza-se análise dos desenhos a partir do discurso nativo, ao mesmo tempo em que se coloca em evidência uma outra perspectiva que toma a ideia de “agência” (Gell 1998/2020) dos objetos de arte como ponto central para entender as representações artísticas aqui levantadas. Para tanto, introduziremos o contexto ritual e social em que estes são produzidos.

A Arca da Montanha Azul pode ser considerada uma das casas que compõem o campo neo-ayahuasqueiro<sup>4</sup> no Brasil, constituindo-se enquanto espaço transreligioso que cria subjetividades e novos mundos. A casa busca integrar diferentes tradições sagradas. Assim, encontramos neste ambiente elementos do Budismo, do Hinduísmo, do Catolicismo, do Espiritismo, do Candomblé e da Umbanda, com destaque para esta última religião. A proximidade da abordagem da casa com a Umbanda se deve à influência da Barquinha<sup>5</sup>, tradição religiosa que tem estreita ligação com a tradição de culto aos Orixás e aos caboclos.

As cerimônias são conduzidas pelo psicólogo Philippe Bandeira de Mello<sup>6</sup> que direciona os participantes através de conhecimentos científicos (principalmente a psicologia de inspiração junguiana, como também dos trabalhos do psiquiatra Stanislav Grof (1990) e outros) e conhecimentos

4. Proposta por Bia Labate (2004), o termo “campo neo-ayahuasqueiro” procura dar conta de um conjunto que envolve diferentes formas de consumo ritualizado da Ayahuasca nos centros urbanos, notadamente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

5. Além desta tradição religiosa o Santo Daime e a União do Vegetal - UDV também fazem o uso da ayahuasca em suas cerimônias cf. Labate, 2008.

6. “Terapeuta Junguiano e Transpessoal (formado em Psicologia); Ex-Diretor Técnico e Supervisor da Casa das Palmeiras, clínica psiquiátrica fundada pela Dra. Nise da Silveira, com um livro publicado em coautoria com ela; Professor; Supervisor Clínico; Pesquisador Transdisciplinar em Ciências da Religião e Esoterismo; Formação em Terapias de Vidas Passadas com Roger Woolger; Autor do livro “A Nova Aurora de uma Antiga Manhã - Surpreendentes diferenças entre as Plantas Sagradas e as drogas - As propriedades misteriosas dos Enteógenos”; Foi fundador e orientador da Barquinha no Rio de Janeiro; Fundador e Orientador da Arca da Montanha Azul (Espaço Multirreligioso e Científico de Investigação, Diálogo e Convívio entre diferentes Religiões e Tradições Sagradas, utilizando cerimonialmente a Ayahuasca e outras tecnologias ancestrais), Iniciado e Sacerdote pela OMR - Ordem Mística de Regeneração (Escola Iniciática)”. De acordo com texto utilizado em divulgações de palestras e cursos.

dos textos e tradições sagradas. Além deste centro existem muitos outros espalhados pelo país que constituem o que a antropóloga Bia Labate (2004) denomina de “religiões neo-ayahuasqueiras” ou “campo neo-ayahuasqueiro” do Brasil. Outra denominação em voga é xamanismo ayahuasqueiro urbano.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO NO SEU ASPECTO SOCIAL E POLÍTICO**

### **A ARCA COMO UM TERRITÓRIO**

O grupo atuante de iniciados na Arca hoje atualmente é proveniente em sua maioria de pessoas que se conheceram e/ou tiveram participação nas manifestações de 2013 no Rio de Janeiro. Neste ano, grande contingente da população, principalmente jovens, mas também integrantes de outras faixas-etárias protagonizaram grandes protestos em todo o Brasil.

Dentro do contexto das manifestações de 2013, um espaço no Rio de Janeiro esteve em evidência naquele ano e em diante: a aldeia Maracanã. Este movimento em específico reivindicava o estabelecimento de um espaço indígena em uma região próxima ao estádio do Maracanã e para além disso discursava sobre os direitos indígenas como um todo no Brasil, apontando, por exemplo, que muitas palavras utilizadas usualmente pelos brasileiros teriam origem indígena. Isso como um exemplo para chamar atenção ao direito originário dessas populações sobre o território que hoje se chama Brasil.

Parte expressiva dos iniciados envolvidos com os movimentos de 2013 e com a aldeia Maracanã em específico migraram para o espaço da Arca. Um exemplo significativo é o da atual companheira do coordenador espiritual da casa, Philippe, e que assume um papel importante na organização das tarefas da casa e para com toda a comunidade arquense. Simone Cunha contou-nos certa vez de um período de intensa pressão política em que ela estava vivendo junto com outros companheiros na aldeia maracanã e que depois desse momento, talvez com uma dispersão causada pela polícia, eles estavam vivendo uma desorientação e muito abalados. Foi então que partiram em grupo para uma cerimônia com ayahuasca que aconteceria naquela noite na Arca da Montanha Azul e que, segundo o relato de Simone, teria sido um trabalho muito bom e definidor da conduta daquele grupo a partir de então. Depois deste momento, na próxima oportunidade de iniciação, muitos deles participaram do processo e hoje são iniciados na Arca, levando os trabalhos da casa em termos do conteúdo espiritual e da parte prática que envolve administrar um local de oração.

Esse ponto coaduna em reconhecer a Arca como um território, nos termos do que propõem Deleuze e Guattari (1972) que funcionará como resistência política através da solidariedade emocional e material que ali se instaura.

Pude observar isso a partir das práticas de troca que se fazem em campo, bem como das falas das quais pude participar, onde o tom de organização política prevalecia, na maioria das vezes propondo uma alternativa ao modelo de organização social, política e econômica que vivemos.

### **PÚBLICO PRATICANTE**

Pode-se levantar a hipótese de que existe uma mediana que identifica a maior presença de indivíduos pertencentes a camadas médias da população e com alto grau de escolaridade. A própria localização da casa em Laranjeiras, na zona sul do Rio de Janeiro, já indica uma presença considerável das pessoas que vivem nas redondezas. Se formos analisar os índices de distribuição de riqueza e qualidade de vida, veremos que essa região, quando comparada com outras localidades da cidade e do Brasil, apresenta um nível elevado em ambos os índices.

A maioria dos praticantes durante o tempo que estive em campo são de pessoas jovens, na faixa etária de 20 a 30 anos. Existem praticantes com mais idade, como o próprio Philippe e outros iniciados mais antigos, no entanto, são exceção quando comparados ao “grupo dominante” de jovens. A maioria desses jovens parece ter uma ligação com a universidade e/ou com o mundo da música e das terapias.

Existem muitos praticantes que são iniciados em outras tradições religiosas e vão à Arca para compartilhar seu conhecimento. Durante a “Hora da Palavra”, um momento ritual que será descrito mais à frente, esses iniciados compartilham conosco o que aprenderam em suas tradições de origem. São pessoas do Rio de Janeiro e outros ainda das tradições originárias do Acre, onde o consumo ritualizado do chá entre as pessoas da cidade teve início e ainda representantes de diferentes tradições indígenas como as do povo Huni Kuin e Shawãdawa.

### **ENTENDENDO O RITUAL**

O trabalho na Arca constitui-se de forma geral em três grandes blocos. Na primeira parte, acontecem os trabalhos de concentração que através de técnicas de meditação e cantoria vão colocando os visitantes em sintonia uns com os outros e com a egrégora<sup>7</sup> da casa. Neste primeiro bloco são cantados os Salmos que fazem parte da tradição da Barquinha, grande parte deles têm uma influência de origem cristã e direcionam-se às grandes referências desta tradição (Jesus, Nossa Senhora e o Espírito Santo). Existe uma imagem que é frequentemente levantada pelo coordenador espiritual da Arca de que no início do trabalho estamos todos nos preparando para fazer uma “decolagem” espiritual, como um avião que parte

7. Egrégora é a palavra utilizada para expressar a força espiritual criada a partir da soma de energias coletivas, fruto da congregação de duas ou mais pessoas. O conceito é explicado com referência à frase bíblica: “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio deles” (Almeida 1753/2008).

para outros destinos, os praticantes todos também decolam em busca de outras dimensões. Por isso também os iniciados fazem parte da tripulação, que prestará auxílio aos passageiros. Há também a “doutrinação das santas almas” onde os espíritos em sofrimento são encaminhados para tratamento espiritual. Já para o fim desta primeira parte do trabalho a Ayahuasca (ou “vinho divino” como também é chamada neste local) começa a ser servida, inicialmente para os músicos e visitantes de primeira vez.

A segunda parte constitui-se de um bailado (um bailado mediúnico, prática também herdada da Barquinha) que faz contínuas referências aos deuses e entidades presentes nos textos védicos e em religiões de matriz africana; é a parte mais ativa do trabalho, onde os praticantes cantam e dançam. Esse bailado acontece em todos os trabalhos da Arca. Philippe considera que esta prática possui alto potencial terapêutico porque ali as pessoas podem se reconhecer através do corpo, encontrar formas de se expressar e constitui-se também em um momento-chave de conexão com as entidades que vêm ao terreiro trabalhar. É neste momento que as energias inferiores são transmutadas em boas energias, como um dos cantos diz “e todo mal que aqui estiver eu jogo pro fundo do mar”. Sendo assim, acontecem muitas limpezas neste momento. Na parte externa do salão onde ficam localizados os baldes de limpeza<sup>8</sup>, concentram-se os praticantes que estão neste processo, alguns ficam mais tempo chegando até a deitar no chão e outros somente realizam a limpeza e voltam para o salão para bailar.



FIGURA 1  
Imagem do bailado  
com detalhes da  
decoreção da casa -  
Foto de Alessandra  
Migueis

Desde o começo do trabalho avisa-se sobre a importância de manter-nos dentro do salão para fortalecer a corrente e manter a energia do trabalho “lá em cima”, elevada. Esse aviso é feito especialmente para a primeira

8. Limpeza é um termo comumente utilizado dentro do universo ayahuasqueiro para se referir ao processo de vômito ou diarreia que a ayahuasca pode induzir. Dentro do universo indígena peruano, por exemplo, esse processo é chamado de “purga” e é considerado como parte do trabalho espiritual.

parte de concentração mas vale também para o restante do trabalho. Existe um esforço consciente do coordenador da casa e também da tripulação em manter as pessoas bailando, em movimento, porque é isso que vai garantir um trabalho com uma energia mais elevada.

Na terceira parte, realiza-se a leitura de textos sagrados referentes às diferentes tradições que são trabalhadas na casa e muitas vezes os textos estão em diálogo com a data festiva em que são lidos. Essa leitura inaugura um diálogo a respeito do tema que está sendo tratado. Além desses textos sacros, existem também textos de teologia e de ciências humanas (com destaque para psicologia).

Na quarta e última parte encerram-se os trabalhos com um pouco mais de bailado em agradecimento às graças alcançadas. Este momento se junta ao nascer do sol (o trabalho todo é realizado durante a noite) simbolizando o renascimento de cada um presente naquele espaço tanto dos indivíduos encarnados quanto da comunidade da Arca como um todo (Da Motta 2017).

## **O PROCESSO INICIÁTICO**

A análise do processo iniciático torna-se interessante para entender os passos através dos quais um visitante torna-se parte da tripulação. No Candomblé, uma das tradições religiosas presentes na Arca, fala-se de três etapas deste processo: 1 - quando você suprime sua identidade anterior; 2 - fica entre duas formas de se colocar no mundo, como uma indefinição egóica; 3 - o nascimento de um novo Eu firmado na tradição religiosa que segue<sup>9</sup>. O processo na Arca pode ser entendido a partir destas três etapas que são incentivadas pelo coordenador da casa. Diferente de outras tradições, o iniciando não precisa ficar recluso no ambiente por determinados dias ou fazer uma dieta como em algumas etnias indígenas, o que se fala é sobre a supressão do pensamento estritamente racional durante as cerimônias abrindo espaço para a intuição, para a voz de seu mestre interior.

O processo de iniciação inclui também o processo de fardamento<sup>10</sup> dividindo-se em etapas que podem ser comparadas com o processo de namoro, noivado e casamento. O namoro caracteriza-se pela “camisa pré”, a camisa que o iniciando recebe quando realiza os primeiros votos de compromisso

9. De acordo com a comunicação oral realizada por Bruno Balthazar, iniciado no Candomblé e na Arca da Montanha Azul. Este processo pode ser analisado ainda sob à luz da obra de Victor Turner que foi um antropólogo britânico reconhecido por seus estudos em ritual e performance. Com destaque para a sua interpretação do processo iniciático realizado entre os membros da sociedade Ndembu. cf. Turner ([1967] 2005). A obra deste autor bem como a de Max Gluckman (1911-1975), seu orientador, são campo fecundo para a interpretação e análise de temas que falam sobre religião, ritual e performance que poderão ser mais trabalhadas em outros momentos da pesquisa;

10. É a forma que se convencionou chamar o momento onde os praticantes de diferentes religiões ayahuasqueiras no Brasil tornam-se parte oficialmente da irmandade. Os praticantes vestem uma farda que funciona como um uniforme identificando aquele praticante ao grupo religioso em que se iniciou.

com a casa e com o caminho espiritual. A camisa plena, que indica um aprofundamento do praticante dentro do caminho, corresponderia ao noivado. E a camisa plena com distinção de alguns símbolos, indicando aqueles que estão há mais tempo na casa e realizaram os votos iniciáticos plenamente, corresponde ao casamento.

Os processos de iniciação acontecem sempre durante o mês de Julho de cada ano, que é o mês de fundação da casa. Precisa-se esperar por esse período para realizar o avanço nas etapas listadas acima. Assim, com dois anos de casa, por exemplo, o iniciado pode se candidatar ao fardamento com a camisa plena correspondente ao noivado.

Durante o processo de iniciação, os praticantes se comprometem com a egrégora da casa através do compromisso com alguns votos, tais textos incluem um comprometimento com o mestre espiritual, a irmandade e as tradições da casa. O primeiro deles está relacionado à tradição dos essênios<sup>11</sup>, compilada junto ao livro Evangelho Essênio da Paz (1997). O Voto Sétuplo é um dos anexos que compõem o livro, ele discorre sobre a Árvore da Vida, a importância da comunhão com os anjos da mãe terrena e do pai celestial e dá outras instruções. Há ainda votos relacionados com o caminho budista, onde alguns membros da irmandade mais avançados dentro da tradição se comprometem, por exemplo, a não abandonar a terra mesmo que atinjam a iluminação<sup>12</sup> até que todos os seres existentes também a atinjam.

Além do processo de iniciação dentro da metodologia de trabalho da Arca, existem outras iniciações que habilitam os praticantes a futuramente atuarem como terapeutas ou “curadores”. Dentre elas destacam-se as iniciações no rapé, no cachimbo e em Reiki<sup>13</sup>.

---

11. Um povo que viveu no Oriente Médio entre os séculos 2 a.C. e 1 d.C. e com o qual Jesus possivelmente teria tido alguma relação, conforme relatado por Philippe Bandeira.

12. Conceito budista que diz respeito à “mais alta realização espiritual” onde o indivíduo liberta-se de todo o sofrimento e aflições mentais. Cf.: <<https://olharbudista.com/2019/05/09/o-que-e-o-despertar-ou-iluminacao/>> Data de publicação: 09/05/2019. Acesso em 14/05/2021.

13. “O Método de Cura Natural Reiki, é uma técnica de cura que se baseia na canalização de energias que harmonizam os chacras do receptor. REI significa “Energia Universal” e KI é “energia pessoal”. A técnica foi redescoberta e difundida pelo monge japonês Mikao Usui no início do século XX após um retiro meditativo de 21 dias no Monte Kurama. Usui ficou conhecido em todo o Japão por curar inúmeras pessoas e ensinar sua técnica bastante simples para muitas outras, dentre elas cerca de 20 chegaram ao grau de mestre. Por volta da década de 1940 a técnica chega ao ocidente e desde então vem sendo difundida”. De acordo com a comunicação por escrito oferecida por Robson Madredeus iniciado em diferentes tradições espirituais inclusive o Reiki.

## O CONCEITO DE CURA

Para entender o espaço da Arca e o universo ayahuasqueiro como um todo é preciso ter em mente o conceito de “cura”. A literatura sobre o tema é bastante vasta e não se entende como o foco deste artigo. No entanto, com o objetivo de elucidar de que tipo de cura estamos falando, cumpre mencionar algumas formas de caracterizar o conceito. O que se cura? Como se cura? Em que medida a cura é diferente daquela operada através da medicina tradicional ou de métodos terapêuticos já estabelecidos?

A expressão “cura espiritual” é geralmente empregada no espaço e o adjetivo que acompanha o conceito informa sobre os caminhos a percorrer ante as questões acima colocadas. No espaço da Arca as doenças são ligadas geralmente a aspectos da psique (depressão, ansiedade) e para o auxílio no tratamento de dependentes químicos. O coordenador da casa usualmente diz que a ansiedade que sentimos é uma ansiedade para conhecer a Deus, sob qualquer forma que ele assuma. Muitas das pessoas que hoje participam do ritual chegaram à Arca por conta de um processo depressivo. O próprio Philippe passou por um processo semelhante que hoje ele chama de “noite escura da alma”<sup>14</sup> (um período de dois anos em que ele cantava, rezava mas não sentia nada, faltava-lhe a conexão espiritual).



FIGURA 2  
Ritual “Puja<sup>15</sup>” para  
Narasimha realizado  
na Arca - foto de  
Alessandra Migueis

14. Com referência ao processo descrito por São João da Cruz no livro *A Noite Escura da Alma* (1960).

15. Neste ritual adora-se a uma divindade do Hinduísmo. O mestre espiritual da casa, aquele que teria sido o responsável por incumbir à Philippe a missão de criar a Arca, Narasimha, é uma entidade do Hinduísmo e é adorado através de Pujas.

Segundo Phillippe, recorrendo à obra do psiquiatra Stanislav Grof (1990), tais processos podem ser entendidos como formas de “emergência espiritual”, onde o indivíduo passa por transformações profundas da sua subjetividade, alcançando patamares outros de consciência, de entendimento de si e do mundo à sua volta. Comungar com a santa medicina<sup>16</sup> vai produzir algum efeito. Muitas vezes, principalmente nas primeiras experiências, esses efeitos podem ser positivos como lindas mirações, apreciação dos sentidos aguçados, um sentimento de êxtase e de conexão com o divino. No entanto, o caminho espiritual que para muitos ayahuasqueiros teve início de fato a partir do primeiro copo de ayahuasca é repleto de percalços que são inerentes a este próprio caminho, altos e baixos da vida espiritual que se manifestam de diferentes formas. Pensando nestes percalços, Cristina Grof, companheira e co-autora de parte da obra do psiquiatra Stanislav Grof, vai indicar no livro *A Tempestuosa busca do Ser (1990)* práticas para a vida cotidiana que podem ajudar a aliviar processos mais pesados que venham a surgir durante essa busca. Por exemplo, a prática de meditação é fortemente recomendada em diferentes tradições e inclusive pela ciência. No entanto, em alguns casos, a meditação pode acelerar o processo de descoberta de traumas e feridas no inconsciente, o que pode agravar o estado da pessoa se ela já estiver passando por um processo difícil. Nesse sentido Christina Grof recomenda a interrupção das práticas que venham a acelerar essa exploração do inconsciente, mesmo aquelas ligadas ao mundo espiritual. Dentro desse processo, apesar do desenvolvimento espiritual ser uma experiência individual, a categoria de irmandade<sup>17</sup> mostra-se muito necessária, haja vista a necessidade de compartilhar algumas etapas do que se vive para a integração dos conteúdos. Atividades terapêuticas como sessões de expressão artística, sessões de psicoterapia, vivências e outras formas de expressão são fortemente recomendadas pelos autores.

### **A MESA DE DESENHO**

Segundo relatos de campo e da minha própria experiência durante as cerimônias, a mesa de desenhos funciona como um altar vivo. Ela possui características sagradas em relação ao espaço que ocupa e à tradição espiritual e intelectual em que está inserida.

Ela é parte integrante de todo o processo ritual, nas diferentes etapas do processo está disponível para que visitantes e iniciados possam se expressar. Fica localizada na entrada da casa à esquerda, no lado oposto ao principal altar e conta com a figura do deus Hindu Jagannatha feito em ladrilhos por um dos iniciados da casa.

16. Uma das formas que os praticantes se referem à ayahuasca.

17. É formada principalmente pelos iniciados da casa e também por visitantes frequentes. A “irmandade” estabelece fortes vínculos afetivos que são essenciais para o processo de cura e da vivência espiritual.

Philippe considera os desenhos produzidos durante os rituais na Arca da Montanha Azul como documentos científicos que atestam o tratamento psicológico que se efetua através dos trabalhos. Além disso, também os considera como objetos artísticos. “Arte supra consciente” é o termo que o coordenador espiritual da casa utiliza para caracterizar o tipo de arte que é realizada durante as cerimônias. Em suas palavras: *“chama-se de “arte supra consciente” porque não é consciente e nem inconsciente, ela fica acima do consciente, facilitando a conexão com o sagrado.*<sup>18</sup>”.

### **FALA DOS INTERLOCUTORES EM CAMPO ACERCA DOS DESENHOS**

A fim de ilustrar melhor a relação entre os praticantes e a mesa de desenhos, selecionei alguns dos praticantes com bastante frequência nos trabalhos e que produzem com uma certa regularidade para responderem algumas perguntas. Construí uma série de nove perguntas que foram igualmente aplicadas aos praticantes-artistas. Abaixo transcrevo alguns trechos dessas entrevistas bem como faço o apontamento de elementos em comum das falas apresentadas e/ou elementos interessantes para pensarmos o tema aqui proposto<sup>19</sup>.

Início este ponto do artigo através da entrevista realizada com o artista Calebe, nascido em Goiânia e frequentador da casa há três anos. Calebe sempre desenhou mesmo antes de frequentar a casa; ele é ilustrador, então a prática do desenho é uma constante em sua vida.

Quando perguntado a respeito da possível relação entre os desenhos e as entidades que são cultuadas naquele espaço, Calebe coloca: “O desenho é uma forma de contato com esses arquétipos e funciona como um meio de sintonizar e canalizar as energias relacionadas a eles. Ao desenhar algo com dedicação e amor, sinto como se eu preparasse meu corpo e minha mente para receber aquela energia. Às vezes decido por conta própria desenhar alguma entidade porque quero trazer mais do que ela representa para a minha vida pessoal. Mas em outras vezes, do nada começo a sentir uma necessidade de desenhar alguma entidade específica, seja porque sem saber estou precisando dela ou alguém próximo de mim está”.

No trecho acima percebem-se dois elementos que são interessantes destacar: o desenho como meio de conexão com forças espirituais e a característica relacional do ato de desenhar sob as condições descritas no campo. A construção dos desenhos neste ambiente aponta para processos que podem ser vividos para além de uma cura intra-psíquica - como descrito nas teorias de Jung e Nise da Silveira - existindo então a possibilidade de cura a partir de uma fonte externa - a entidade - que demanda ao

18. De acordo com entrevista de Philippe.

19. Os entrevistados aceitaram conceder entrevistas para este trabalho, bem como terem seus nomes citados.

praticante que a traga à vida ou a partir da interação com os outros praticantes ali presentes.

O segundo trecho de entrevista foi realizada com Mayra Muniz, de 33 anos, nascida em Nova Friburgo e também designer. Para ela, em alguns momentos durante a sua produção artística na Arca, a mediunidade se faz presente através dos erês, seres espirituais infantis bem agitados, como ela explica, e então o desenho funciona como um apaziguador dessa agitação: “[...] a aproximação com a mesa de desenho vem para serenar alguma inquietude e dissipar confusões que geralmente acompanham alguns dos meus processos mediúnicos principalmente quando estou acompanhada espiritualmente de erês. Os erês (seres encantados do mundo espiritual que correspondem à energia da criança) que trabalham comigo são muito agitados, bagunceiros e têm uma atividade mental e física muito acelerada, um temperamento bem diferente do meu. Então, no momento em que estou irradiada por eles, tenho muita dificuldade de equilibrar isso tudo. Neste sentido é que a mesa de desenho me ajuda muito”.

O terceiro trecho de entrevista que gostaria de destacar foi realizada com o professor universitário Marcelo Asth, natural de Nova Friburgo e frequentador da casa há seis anos, iniciado. Marcelo já comungava com a ayahuasca mesmo antes de conhecer a Arca mas sentia que ainda não havia encontrado a sua família espiritual. Acontece que no ano de 2014 seu companheiro começa a frequentar a Arca; Marcelo passa então a consagrar com a medicina naquele espaço. A prática do desenho também se apresentava como uma constante em sua vida desde a infância; com os afazeres da vida adulta ele foi deixando essa prática um pouco de lado, mas nunca a interrompeu totalmente. Na Arca ele entende que teve uma “conexão com o desenho de uma forma que eu nunca tive antes [...]”, para ele, ao consagrar com a bebida nós entramos em um estado de expansão da consciência que favorece a abertura de diversas camadas menores da mente que no cotidiano nós não temos acesso, assim ficamos com “uma mente um pouco mais livre também para criar e testar coisas que a gente não conhece ainda [...]”.

Ele caracteriza seus desenhos anteriores a sua prática na Arca como muito engessados, já na Arca ele foi quebrando padrões e abrindo espaço para uma produção mais livre “testando outros formatos, adaptando, conhecendo... [...]”. Marcelo fala ainda da diferença que existe entre o processo mediúnico de bailar com o corpo todo e a transição que se realiza para a prática do desenho já que para ele essa prática demanda mais concentração; apesar disso ele vê “muitas semelhanças nessas duas formas de trabalho”. Semelhança também ressaltada pela fala de Mayra.

Neste último trecho de entrevistas destacadas Mariana Prado Barros, de 34 anos, natural de Sorocaba/SP, Artista Plástica e educadora, fala sobre sua relação próxima com a mesa de desenho e sobre a característica sagrada do espaço: “[...] e a mesa de desenho que é um dos lugares que eu sinto que é um grande altar mesmo, desde que eu cheguei na arca eu sempre rezei pelo espírito da arte”. Ela chama a atenção para o processo de desenhar durante a cerimônia “[...] é muito especial assim você estar na força da medicina que te traz esse monte de informação de outras dimensões e poder estar expressando isso, a grandiosidade disso né, o valor desse espaço ali, tanto quanto as mazelas mesmo, esse vomitar ali, o encontro com a dor, e também toda essa luz, poder estar manifestando tudo o que a gente vê na força, esses anjos, esses santos, com as cores e com a arte que se expressa a partir desse caminho [...]”.



FIGURA 3  
Mesa de desenhos -  
Foto de Alessandra  
Migueis

### **DESENHOS PRODUZIDOS DURANTE O RITUAL E A RELAÇÃO COM O TRABALHO DA DR<sup>a</sup> NISE DA SILVEIRA**

Através da pesquisa de campo pude constatar que para parte expressiva do frequentadores da Arca, os desenhos indicam a presença de entidades espirituais que atuam junto às cerimônias em processos de cura e de mirações, configurando-se assim como objetos portadores de agência (Gell 1998/2020) e presentificando a alteridade que marca a relação entre diferentes mundos (Lagrou 2009). Depois de sua produção os desenhos são expostos junto ao local onde vieram à vida (uma mesa de trabalho que remonta aos estudos e práticas empreendidos pela Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira (Silveira 2017)) onde continuam a atuar como objetos sagrados, portadores de mensagens espirituais. Esses desenhos-entidades eventualmente

vão a exposições externas<sup>20</sup>, além de funcionarem como um documento comprovando o caráter terapêutico dos trabalhos que se desenvolvem na Arca<sup>21</sup>, em consonância com a tradição da psicologia junguiana.

A mesa de desenhos remonta a uma tradição terapêutica inaugurada no Brasil pela psiquiatra Nise da Silveira. Foi ela quem, através de diálogos com o psicólogo suíço Carl Gustav Jung, introduziu formas diferentes de tratamento para os pacientes que costumava intitular como “clientes”, tanto do Hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro quanto, posteriormente, da Casa das Palmeiras.



FIGURA 4  
A mesa de desenhos  
com a imagem da  
Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira  
- Foto de Alessandra  
Migueis

Ainda que exista uma diferença fundamental entre os internos do Hospital do Engenho de Dentro e os clientes da Casa das Palmeiras em relação aos praticantes da Arca da Montanha Azul, considerando que os primeiros encontram-se em profundos estados de imersão no inconsciente, apresentando muitas vezes, como diz a Dr<sup>a</sup>. Nise, falência do Ego na administração dos conteúdos do inconsciente, existe algo análogo entre eles. Os praticantes da Arca são indivíduos relativamente saudáveis que se submetem a uma prática ritual “controlada” onde o conteúdo do inconsciente fica em evidência mas segue um processo de interpretação dentro do contexto “controlado” onde emerge. Mesmo ressaltando essas diferenças, como argumenta Philippe, que durante muitos anos atuou como braço

20. No ano de 2014 acontece uma exposição na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ e no começo do ano de 2020 estava sendo programada outra exposição que precisou ser cancelada devido a pandemia.

21. De acordo com relato do psicólogo e coordenador espiritual da Arca Philippe Bandeira de Melo.

direito da Dr<sup>a</sup> Nise na Casa das Palmeiras, o estudo seriado das imagens produzidas na Arca pode revelar processos curativos como aqueles descritos por Nise e ainda a presença de arquétipos do inconsciente coletivo como colocado por Carl Gustav Jung que darão as coordenadas para um tratamento psíquico eficaz.

### **A AGÊNCIA DOS DESENHOS DURANTE O RITUAL**

No contexto do ritual realizado na Arca da Montanha Azul, as imagens, uma vez que são produzidas, parecem ganhar vida e participam como entidades durante o processo ritual. Elas são dispostas sobre a mesa e exercem influência nos praticantes (carnais ou não) que estão envolvidos no bailado. Além disso, enquanto desenhamos elas também vão exercendo influência, com a qualidade e intensidade da energia variando de acordo com o que está sendo reproduzido naquele momento.

É interessante colocar que a mesa de desenhos comporta até quatro praticantes desenhando por vez, o que possibilita uma espécie de “trabalho em conjunto”, mesmo que os desenhos estejam sendo feitos de forma individual. Cada gesto, movimento de corpo, olhar ou uma eventual fala vai influenciar no processo de criação; deste modo, para além das pessoas que estão efetivamente envolvidas no processo de criação, existem aqueles que estão bailando e passam pela mesa de desenho e com a sua energia podem modificar o que ali está sendo empreendido.

Os desenhos produzidos sob a emanção de uma entidade específica terão motivos e representações muitas vezes semelhantes. Por exemplo, no dia 2 de Fevereiro quando se celebra o dia de Iemanjá, imagens relacionadas a esta entidade vão surgir. As imagens também agem, de certa forma, a testemunhar as curas que aconteceram durante aquele dia, através de uma perspectiva individual de cada criador mas que confluem para uma mesma temática, haja vista a repetição dos motivos ou das representações, como afirma Lagrou a respeito do texto de Taussig, “o desenho tem para Taussig a função de testemunho” (Lagrou 2018, 148). Mais do que o texto ou uma fotografia, para Taussig desenhar em campo e riscar é um testemunho de que aquilo que ele viu de fato aconteceu. O antropólogo testemunha o que observa no campo e o inscreve no papel. De modo similar os praticantes da Arca da Montanha Azul testemunham seu processo de cura, e também suas visões, o que observam sob o efeito da bebida, através de suas criações, comumente influenciadas por uma perspectiva supra-consciente (como coloca o coordenador da casa) ou ainda transpessoal (conceito construído e defendido pelo psiquiatra tcheco Stanislav Grof).

Na sua análise do desenho Huni Kuin, Lagrou escreve: “Se mortos e vivos possuem perspectivas diferentes sobre quase tudo, o mesmo não acontece com o desenho, o desenho é o caminho que os conecta e atrai” (Lagrou

2018, 131). Parece-me que algo similar acontece no espaço de produção de desenhos durante o ritual na Arca.

### **CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS IMAGENS EM DESTAQUE NESTE TRABALHO**

Como o leitor pode observar, o registro da maioria das imagens aqui apresentadas não é de mesma autoria do autor do texto. A casa tem como prática delegar o trabalho de registro fotográfico a uma das praticantes iniciadas, no caso do registro das imagens com pessoas criando na mesa desenhos e ainda nas imagens da própria cerimônia, o registro ficou a cargo de Alessandra Migueis que gentilmente cedeu as imagens para que pudessem estar vinculadas a este trabalho. Existe uma orientação geral, dada no início de cada cerimônia, onde se proíbe o registro de imagens, com exceção a praticante iniciada, para se preservar o direito de imagem das pessoas envolvidas nas cerimônias.

Em relação ao registro dos desenhos, ele foi realizado na maioria das vezes pelos próprios praticantes-autores, depois da cerimônias e posteriormente compartilhados em suas redes sociais e disponibilizados para que pudessem fazer parte deste trabalho. Nos casos dos desenhos produzidos pela praticante Eliane, eles foram registrados por mim depois da cerimônia.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa apresentada neste artigo propõe atuar como mais uma contribuição ao campo da antropologia simétrica (Viveiros de Castro 2002) que levanta o tema do diálogo franco entre diferentes formas de produção de conhecimento, interpretação e construção de mundos. Busca-se aqui entender os espaços das práticas ayahuasqueiras como espaços de produção de conhecimento. Práticas estas que podem ser colocadas em diálogo com o saber científico a fim de construir vínculos e alianças nos termos do que propõe Stengers (1989).

O antropólogo Alfred Gell construiu uma proposta inovadora para entender a arte através da antropologia. Distanciando-se das propostas defendidas por Jung, o autor enfatiza o caráter da agência atribuída à arte: “Em vez de enfatizar a comunicação simbólica, concentro-me nas ideias de agência, intenção, causalidade, resultado e transformação. Vejo a arte como um sistema de ação cujo propósito é mudar o mundo, e não codificar proposições simbólicas acerca dele.” (GELL 1998/2020, 31).

Um conceito importante para a antropologia da arte de Gell, que juntamente com as ideias de “Índice”, “Artista” e “Destinatário” formam seu arcabouço teórico, é a ideia de “Protótipo”, que na Arca talvez possa ser entendido como: “[...] uma entidade (como um rei, um mágico, um ser divino etc.) dotado da capacidade de ter a intenção de buscar uma

aparência específica para si próprio.” (Ibidem, 74). Parece então que essas entidades enquanto protótipos exercem agência sobre os praticantes para que seus índices sejam representados junto às criações artísticas produzidas durante as cerimônias.

Em alguns capítulos do livro “Arte e Agência” (1998/2020) Gell recorre à ideia de “darshan”, que se refere grosso modo à energia vital transmitida pela divindade a seu adorador, muito presente no Hinduísmo e que, acredito, pode guardar correspondências com a forma pela qual os praticantes da Arca se relacionam com as imagens e vice-versa:

O *darshan*, desse modo, mostra-se uma via de mão dupla. O olhar de deus em direção ao adorador concede-lhe sua bênção; de modo inverso, o adorador estende o braço para tocar o deus. O resultado é a união com o deus, uma fusão de consciências, segundo a interpretação devocional. Isso nos leva à questão da reciprocidade e da intersubjetividade na relação entre imagem (índice) e o destinatário. A partir da tese que desenvolvemos nesses capítulos, podemos afirmar que é possível existir uma intersubjetividade entre pessoas e índices, em particular os índices que, como imagens dos deuses, têm uma forma humana. (ibidem, 184).

Essa intersubjetividade da qual nos fala Gell está também presente no discurso nativo através das ideias de relação “transpessoal”, recorrente no discurso do coordenador espiritual da casa. Para Philippe, uma boa forma de compreender os seres humanos é olhá-los através da ideia de transpessoalidade que envolve a relação com outros seres humanos e entidades do mundo invisível. Os praticantes autores, através da interlocução em campo, demonstram filiação a essas ideias uma vez que entendem que os desenhos são produzidos através da relação entre sujeito criador, outros participantes de casa e agentes não-humanos do mundo espiritual.

Olhar para esses índices que são representados através dos desenhos causa-nos, como pude observar em campo, algo como aquilo que aqui se descreve:

Ver [...] é uma projeção da visão direcionada ao objeto. A visão toca o objeto e adquire sua forma. O toque é a relação máxima por meio da qual o visível se submete a fim de ser compreendido. É no momento em que o olho toca o objeto que a vitalidade que nele pulsa é transmitida [...]. (Kramrish 1976, 136 apud Gell, 1998/2020, 183).

Muitas vezes é nessa relação através do olhar que as imagens participam da cerimônia, seja através de uma adoração especificamente voltada a elas ou através de um gesto informal, quando no meio do bailado os praticantes têm contato por um instante com as imagem expostas e assim tornam-se sujeitos a serem influenciados por elas.



Para Gell, as obras de arte se apresentam como “famílias, linhagens, tribos, populações inteiras, assim como as pessoas.” (GELL, 1998/2020, 233). Neste trabalho apresenta-se um fragmento dessas linhagens, dessa família, a fim de ressaltar os aspectos relacionados à agência dos protótipos através de seus índices representados nos desenhos. Assim entendemos que a ontologia nativa considera os protótipos como agentes capazes de influenciar nas cerimônias, deixando suas marcas nos corpos e mente dos praticantes bem como nas imagens produzidas.

## ANEXO - DESENHOS PRODUZIDOS DURANTE O RITUAL



FIGURA 5  
A realeza dos  
Orixás - Marcelo  
Asth (iniciado).  
Registro do autor.



FIGURA 6  
Imagem de Nara-  
simha - Marcelo  
Asth (iniciado).  
Registro do autor.

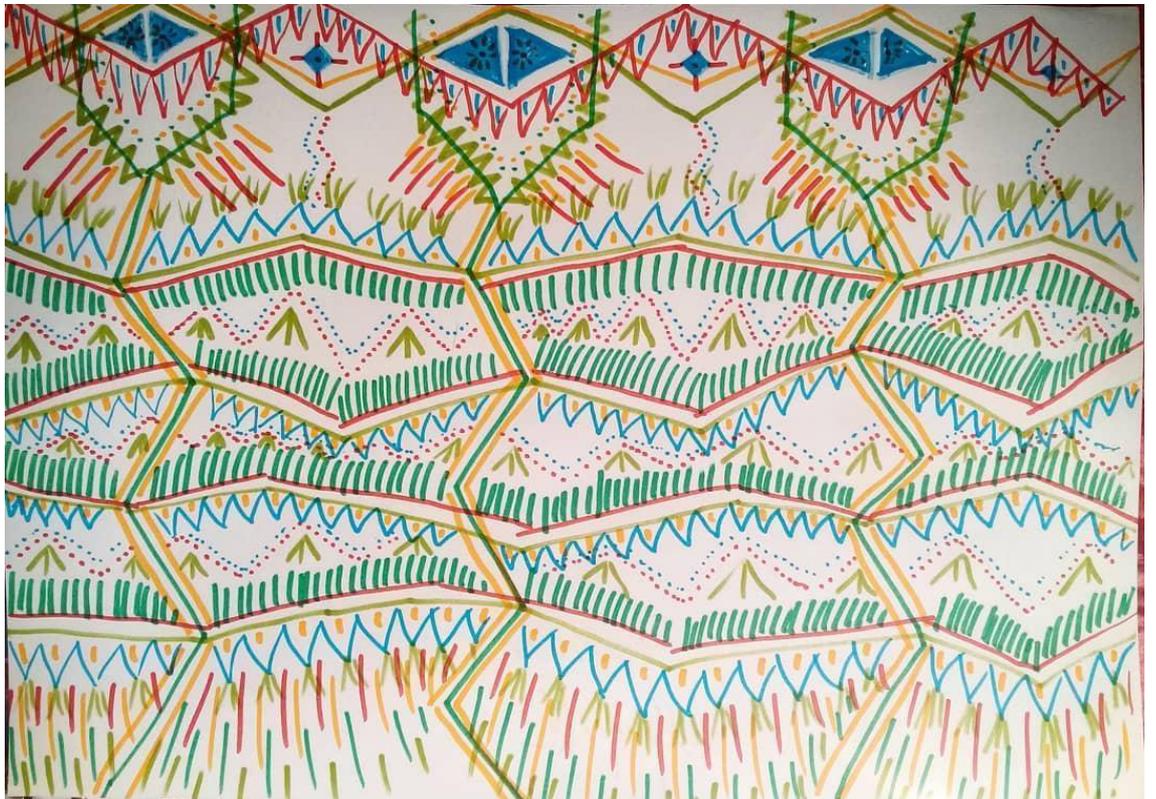


FIGURA 7  
Organelas -  
Marcelo Asth (ini-  
ciado). Registro do  
autor.

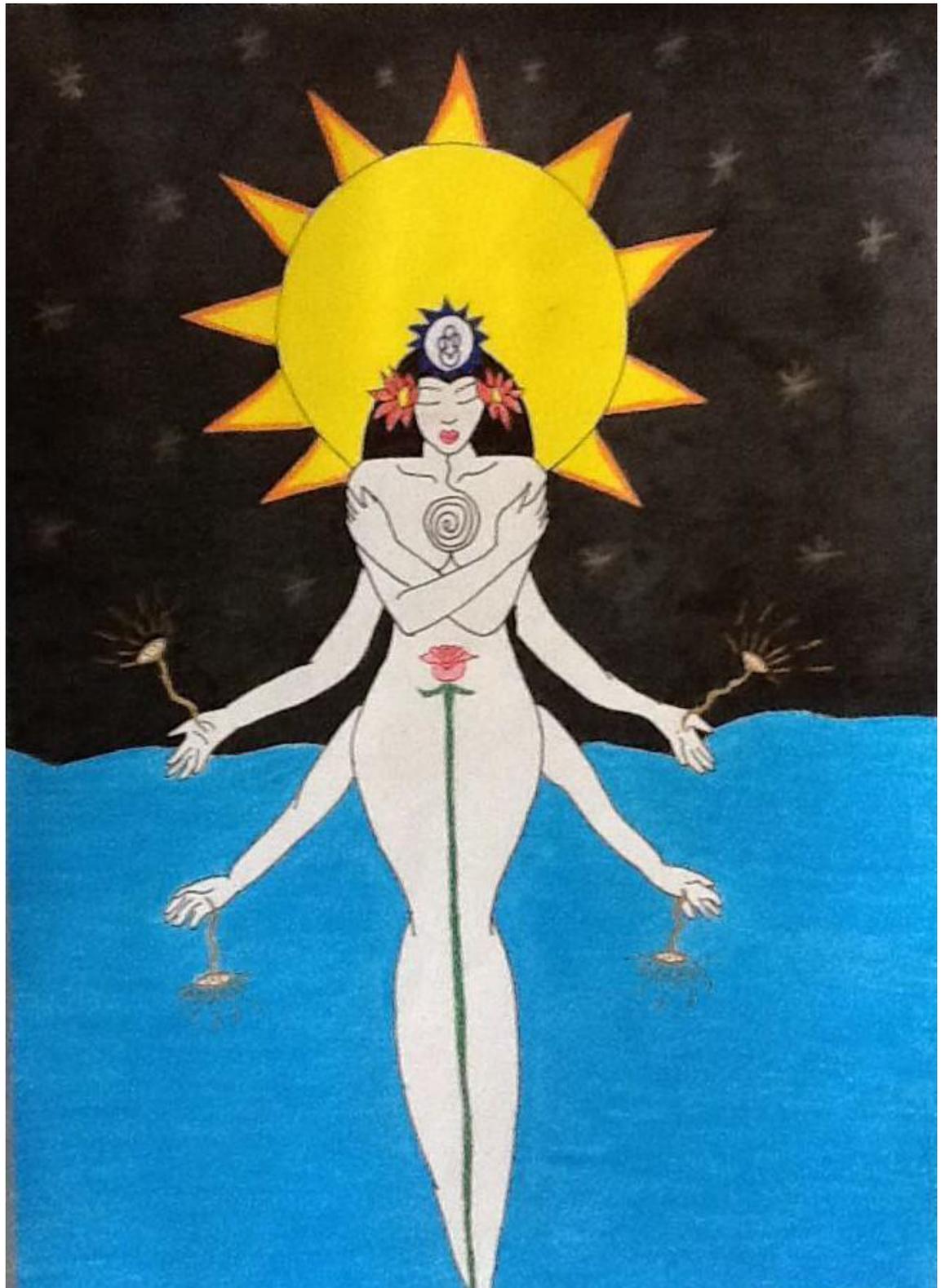


FIGURA 8  
Sem título - Elaine  
Abreu (visitante).  
Registro meu.



FIGURA 9  
Sem título - Elaine  
Abreu (visitante).  
Registro meu.

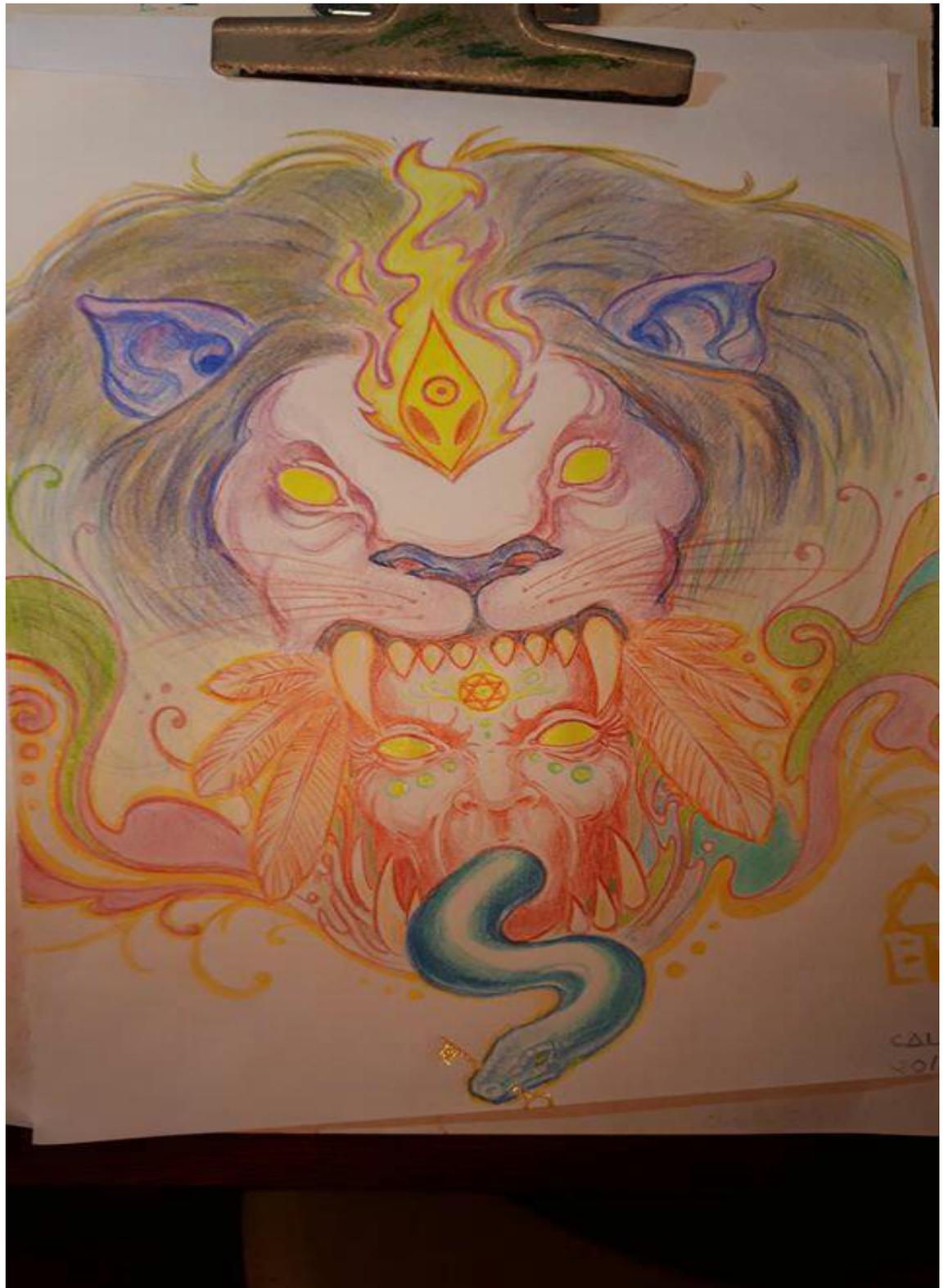


FIGURA 10  
Sem título - Calebe  
Alves (visitante).  
Registro do autor.

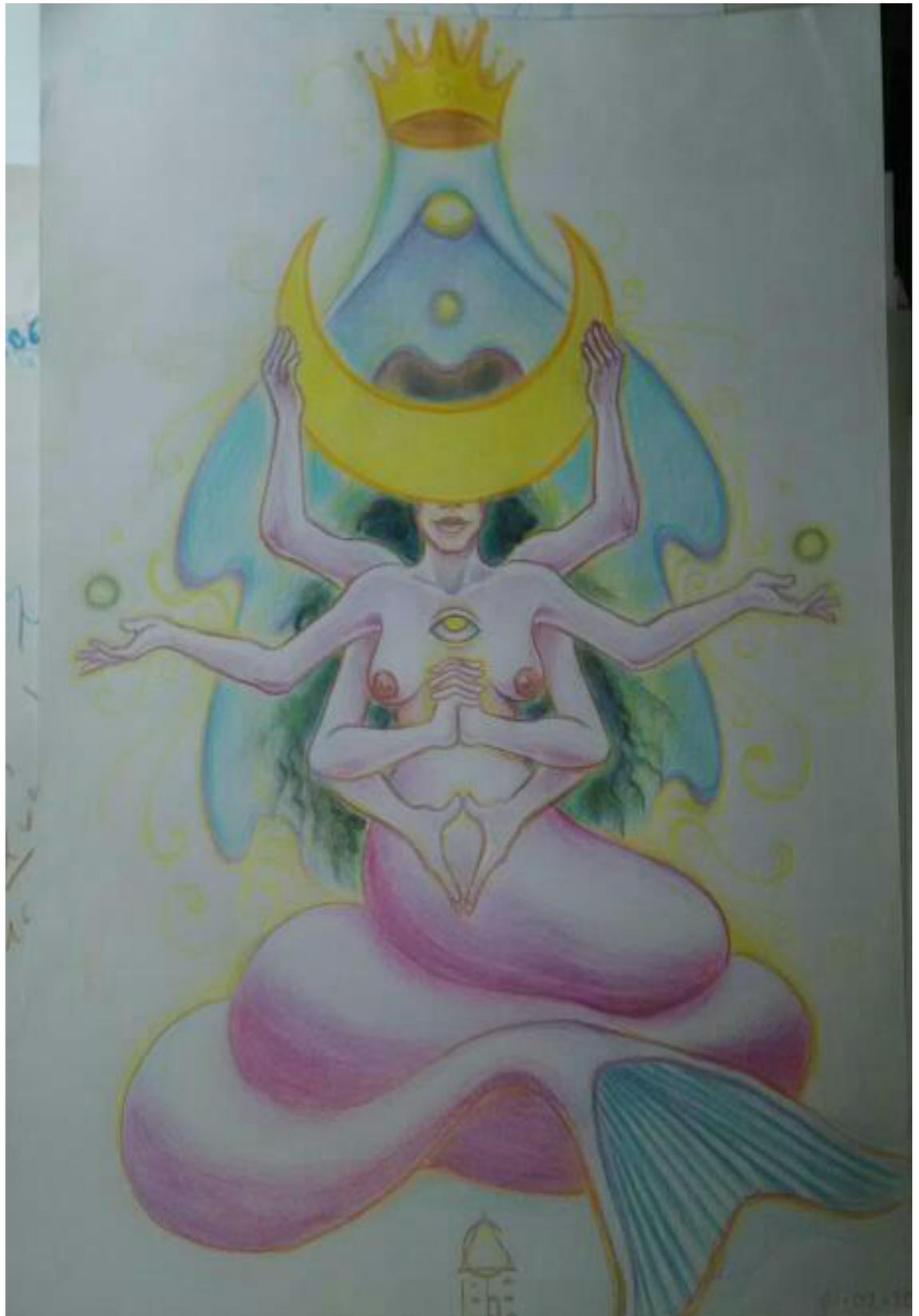


FIGURA 11 Sem título - Calebe Alves (visitante). Registro do autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, João Ferreira. 1753/2008. *A Bíblia: Velho Testamento e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: King Cross Publicações.
- Da Motta, Rodrigo Rougemont. 2016. A cura através do cipó: Reflexões sobre terapia e espiritualidade na Arca da Montanha Azul. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Da Silveira, Nise. 2017. *Imagens do Inconsciente com 271 ilustrações*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.
- Deleuze, G. e Guatarri, F. 1972. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Gell, Alfred. 1998/2020. *Arte e agência*. São Paulo: Ubu Editora.
- Grof, Stanislav e Grof, Cristina. 1990. *A tempestuosa busca do ser*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Labate, Beatriz Caiuby. 2004. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas: Editora Mercado de Letras
- Labate, Beatriz; Rose, Isabel e Santos, Rafael Guimarães. 2008. *Religiões ayahuasqueiras: Um balanço bibliográfico*. Campinas: Mercado das Letras.
- Lagrou, Els. 2007. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: TopBooks.
- Lagrou, Els. 2009. As artes ligando mundos: alteridade e autenticidade no mundo das artes. In *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: ComArte.
- Lagrou, Els. 2018. A diferença que faz desenhar para aprender a ver na Amazônia. Anais do II Seminário Imagem, Pesquisa e Antropologia (SIPA). [https://www.sipa.ifch.unicamp.br/anais\\_do\\_evento](https://www.sipa.ifch.unicamp.br/anais_do_evento) (acessado em 12/11/2021).
- Langdon, Esther Jean. 1992. A cultura Siona e a experiência alucinógena. In *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. ed. Lux Vidal, 67 - 87. São Paulo: Editora Nobel.
- Luna, Luis Eduardo; Amaringo, Pablo. 1999. *Ayahuasca visions: The religious iconography of a Peruvian shaman*. Berkeley: North Atlantic Books.
- Reichel-Dolmatoff, Gerardo. 1971. *Amazonian Cosmos: The Sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Romanoff, Frederico. 2021. A ciência do sagrado: desenhos produzidos durante ritual com plantas medicinais na Arca da Montanha Azul. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Souza, Mônica Dias de. 2006. Pretos-velhos: oráculos, crença e magia entre os cariocas. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Stengers, Isabelle. 1989. "Ciência é mais política do que cientistas imaginam". Folha de São Paulo, 27 de outubro de 1989. <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10764&keyword=Stengers&anchor=4916183&origem=busca&originURL=&pd=2166ce80354ed3f79730c512a8cf7d51> (acessado em 12/11/2021).
- Szekely, Edmond B. 1997. *O Evangelho Essênio da Paz*. São Paulo: Editora Pensamento.
- Turner, Victor. 1967/2005. *Floresta de símbolos: Aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF.
- Viveiros de Castro, Eduardo. 2002. O Nativo Relativo. *Mana*, vol. 08, no. 01: 113 - 148.



**FREDERICO ROMANOFF DO VALE** é Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2022). Kursou graduação em Ciências Sociais também na UFRJ. Atualmente, é licenciando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem interesse por Antropologia da Arte e Antropologia da Saúde. Integra o grupo de pesquisa "Núcleo de Artes, Imagem e Pesquisa Etnológica" - NAIPE, da UFRJ. E-mail: fredericoromanoff@gmail.com.

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 15/05/2021  
Reapresentado: 06/09/2021  
Aprovado: 08/09/2021